

HQ

Para ensinar arqueologia



O livro *De dinossauros ao patrimônio* propõe divulgar a arqueologia de uma forma “diferente e dinâmica”.

A publicação foi lançada em 20 de março último, durante a Semana de Arqueologia do Laboratório de Arqueologia Pública Paulo Duarte (LAP) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e foi desenvolvida por alunas do Projeto de Iniciação Científica Júnior (Pic Jr) em 2012. “A iniciativa teve o objetivo de envolver as pesquisadoras juniores na produção de um material didático, que registrasse as relações desses alunos com a descoberta e com as discussões sobre o fazer arqueológico”, explica a professora Aline Vieira de Carvalho, coordenadora do LAP.

Para que a história não se resumisse a uma visita explicativa do personagem (uma criança) ao LAP (o roteiro habitual em histórias desse tipo), Paulo Duarte também virou personagem e, deste modo, passou a explicar arqueologia. Em forma de fantasma, o pesquisador aparece durante o sonho do personagem principal, um menino de onze anos que deseja ser arqueólogo. Paulo Duarte (1899 – 1984) foi responsável pela implantação de diversos projetos preservacionistas, que possibilitaram o desenvolvimento da arqueologia acadêmica no Brasil.

SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS

Lavouras escondem fragmentos históricos

O que pode ser encontrado em meio ao canavial, além de cana? Vestígios de outras sociedades que ali viveram. Pouca gente imagina que pesquisas arqueológicas também ocorram em áreas de expansão de lavoura, mas, muitas vezes, durante estudos necessários ao licenciamento ambiental, pode ser verificada a existência de sítios arqueológicos.

A pesquisadora Luana Antoneto Alberto conta que, durante pesquisas, as equipes, formadas por arqueólogos, historiadores, antropólogos, educadores e trabalhadores auxiliares, vasculham os terrenos em busca de evidências trazidas à tona pelo movimento dos arados e colheitadeiras. Da mesma forma realizam intervenções no subsolo para verificar a existência de vestígios em maior profundidade. “Antes dos levantamentos de campo, realizamos pesquisas bibliográficas e análise de cartas relativas à região a ser estudada, para definir a metodologia mais adequada”, diz. A pesquisa em áreas de lavoura de cana, quando possível, é vinculada ao processo de colheita, o que favorece a visualização do solo e o estudo dos sítios arqueológicos. “Alguns são bastante fugazes e apresentam poucos vestígios”, diz Luana. Desde 2007, foram identificados e estudados na região de Olímpia-SP cerca de 60 sítios arqueológicos.

Glória Tega

PRIMEIRA LEI DE PROTEÇÃO É DE 1961

Qualquer terreno pode conter vestígios arqueológicos, e a legislação federal que protege esse patrimônio é extensa e antiga. A primeira lei data de 1961 e a Constituição de 1988 contempla a proteção dos sítios arqueológicos. Importante também é a resolução estadual SMA-34, de 2003, que dispõe sobre as medidas necessárias à proteção do patrimônio arqueológico e pré-histórico no processo do licenciamento ambiental de empreendimentos e atividades potencialmente causadoras de impacto. Para se adequar à legislação e evitar impactos, por exemplo no caso das usinas de cana-de-açúcar, é necessário adotar uma postura preventiva em relação à questão.

CONGRESSO DE ARQUEOLOGIA

O maior evento da América do Sul

O XVII Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB) será em Aracaju (SE), de 25 a 30 de agosto de 2013, com o tema “Arqueologia sem fronteiras”. Além dos arqueólogos brasileiros, o encontro recebe pesquisadores de diversos países, o que o transformou no maior congresso sobre o tema da América do Sul. Este ano a organização espera cerca de mil inscrições. Mais informações podem ser obtidas no site: <http://www.xvii-congresso.sabnet.com.br>